

Atos e fatos de cultura: territórios das práticas, interdisciplinaridade e as ações na interface da arte e promoção da saúde*

Acts and facts of culture: territories of practices, interdisciplinarity and actions in the art / health- promotion interface

Eliane Dias de Castro¹, Dilma de Melo Silva²

CASTRO, E. D. de; SILVA, D. de M. Atos e fatos de cultura: territórios das práticas, interdisciplinaridade e as ações na interface da arte e promoção da saúde. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v.18, n. 3, p. 102-112, set./dez. 2007.

RESUMO: Em meados dos anos 90, atividades artísticas e culturais tornaram-se potentes dispositivos para a inclusão e participação sociocultural das populações em situação de vulnerabilidade e risco social. Os trabalhos com a expressão, criação e produção artística e cultural dinamizam processos de inclusão/exclusão social, articulam novas redes de vida e provocam aberturas na malha expressiva e comunicacional, proporcionando uma compreensão da singularidade de experiências, afirmando caminhos de crescimento, de diferenciação, de empoderamento e de participação coletiva. Ao pesquisarmos o território destas práticas identificamos, através de um levantamento, a configuração de um campo interdisciplinar que conjuga ações artísticas, educacionais, sociais, culturais e clínicas, e cria estratégias de participação e de comunicação em experiências que denominamos de ações na interface da Arte e Promoção da Saúde. São práticas que podem encurtar distanciamentos entre as singularidades dos sujeitos e a desinformação sobre suas necessidades, auxiliam no enfrentamento de problemas freqüentes como a solidão e o isolamento, agravados pela falta de espaços sociais que ofereçam oportunidades reais para as pessoas partilharem interesses comuns. Na contemporaneidade, um novo cenário se forma no território da cidade, constrói novas sociabilidades e efetivam ações de cidadania. O levantamento realizado exerce a função de aglutinar sujeitos ao universo artístico e à vida cultural, revitaliza a participação de muitos atores desse processo, expandindo a conectibilidade de cada um e reconhecendo a interdependência fundamental dos fenômenos.

PALAVRAS-CHAVE: Terapia ocupacional/tendências. Inclusão social. Práticas territoriais. Atividades artísticas. Ação cultural.

* Reorganização de parte do capítulo 5: Caminhos Metodológicos, da tese de doutorado, intitulada: "Atividades artísticas e terapia ocupacional: construção de linguagens e inclusão social", apresentada ao Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da USP, em 2001.

¹ Docente do Curso de Terapia Ocupacional do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da USP. Mestre em Artes e Doutora em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Responsável pelo Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte e Corpo em Terapia Ocupacional da USP.

² Professora Associada da Escola de Comunicações e Artes da USP, professora do Programa de Pós-Graduação Inter-Unidades do MAC/USP e do Programa de Pós-Graduação para os Estudos da América Latina (PROLAM) da USP.

Endereço para correspondência: Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP. Rua Cipotânea, 51. Cidade Universitária. São Paulo, SP. CEP: 05360-160

APRESENTAÇÃO

Partimos de uma experiência profissional no campo da Terapia Ocupacional onde o trabalho com atividades artísticas tornou-se um dispositivo potente no engendramento de propostas que operam diferentes níveis de inclusão e de participação sociocultural das populações em situação de vulnerabilidade e risco social. Desde meados dos anos 90, estas práticas revelaram a importância de um trabalho com a expressão, criação e produção artística de diferentes populações: pessoas com sofrimento psíquico, deficientes, crianças, adultos e idosos, que vivem em suas histórias a expropriação das redes de vida. Estas práticas estão associadas à produção de saúde, nelas há um enriquecimento na qualidade das vidas, há transformação do cotidiano, quando o despertar e o acolhimento de vivências do criativo instauram novas processualidades – algo novo sempre acontece com a fruição da criação, novas formas surgem, novas conexões socioculturais se processam.

Trata-se, aqui, não da arte institucionalizada, mas da arte no sentido que lhe dá Guatarri (1992, p. 17), *em sua dimensão de criação em estado nascente: transformar a natureza, transformar o mundo em que se vive, criar a própria existência, criar a si mesmo*.

Quando no campo da Terapia Ocupacional acompanhamos as propostas em arte, identificamos aí um lugar de múltiplos acontecimentos, de aproximação dos sujeitos e também de participação coletiva. São experiências que favorecem o trânsito de muitos atores num território no qual, muitas vezes, as pessoas atendidas possuem raras possibilidades de participação, dificuldades no acesso ao conhecimento artístico, pouca circulação sociocultural. Gradativamente fomos conhecendo um campo conceitual e de práticas no qual certas complexidades geraram impasses que nos levaram a pesquisar mais atentamente aspectos envolvidos nestas experiências. Orientados pela necessidade de construção da participação sociocultural destas populações na cidade de São Paulo, iniciamos um trabalho de investigação: realizamos um levantamento das propostas com atividades artísticas para estas populações e entrevistamos pessoas e profissionais envolvidos nestas ofertas. Queríamos conhecer o território a partir desta óptica, saber que atividades são desenvolvidas, que metodologias são utilizadas, quem as desenvolve e em quais locais? Queríamos ainda criar uma interlocução e uma escuta sobre que importância a participação nestes projetos apresentava para suas vidas?

As transformações conceituais nos campos da saúde e, principalmente, as proposições no campo da

reabilitação, apresentam, no cotidiano das práticas, uma nova compreensão desses termos – saúde e reabilitação – e colocam no centro das ações, o trabalho para a expansão das possibilidades de vida das pessoas atendidas. Isto se dá a partir da construção da emancipação do sujeito e do técnico, da reconstrução da cidadania e dos direitos substanciais, buscando equiparar oportunidades. As diversificadas ações para o acompanhamento dos processos de inclusão sociocultural baseiam-se numa melhora real na qualidade de oferta às pessoas que vivenciam processos clínicos e de reabilitação, que vai além da recuperação funcional dos sujeitos. Nesta perspectiva, é a sociedade que se modifica para atender às necessidades de seus membros; idéia que conecta as limitações vivenciadas pelos sujeitos ao projeto e à estrutura dos ambientes e à atitude geral do grupo social. Aqui arte e cultura são matérias problematizadoras destas questões, e apontam linhas de reflexão que dão visibilidade e fortalecem iniciativas desta ordem.

Ao situarmo-nos na interface da Arte e Promoção da Saúde observamos uma gradual ampliação da conexão dos sujeitos com a vida, com o ambiente, com os outros e com a própria subjetividade. A aproximação deste cenário desencadeia múltiplas experiências que afirmam a vida, um aprendizado de que o vivo está sempre em obra, constantemente fazendo-se, desfazendo-se e refazendo-se, configurando processos de auto-poiése, de auto-criação, de promoção da saúde.

Reconhecendo o território

O espaço da inclusão social é o território da cidade e refere-se às propostas da comunidade que possam acolher aspirações, desejos, necessidades, habilidades e interesses. A história da pessoa vai de encontro aos recursos e equipamentos disponíveis ao seu entorno imediato – o bairro onde mora e em bairros vizinhos – e, muitas vezes, lança-se a outros mais distantes, espaços desconhecidos que virão acolher projetos singulares. Para Venturini (1999), *o verdadeiro problema não é reabilitar o paciente, o verdadeiro problema é reabilitar a cidade*. Esta proposição aponta para uma mudança no olhar e nas práticas da Reabilitação que na perspectiva da construção dos direitos, reabilitar a cidade é protagonismo do cidadão, o que incita a repensar a cidade como local de produção social e demanda dos técnicos a tarefa da mediação cultural.

A cidade de São Paulo apresenta um cenário complexo em termos políticos, sociais, econômicos e ambientais nesta entrada do século XXI; é lugar de constantes contradições. Há uma discrepância de realidades que coexistem. Sposati

(1996), ao estudar aspectos da cidade aponta uma dupla situação: *o território da cidade apresenta uma desigualdade que cinde os habitantes, quebra o sentimento de semelhança e faz predominar o sentimento negativo da diferença fomentando intolerância, discriminação e segregação*. Por outro lado, a autora reconhece São Paulo como uma cidade de recursos e de experiências múltiplas e inovadoras que podem indicar caminhos para a participação coletiva e *engendrar utopias locais que mobilizem as comunidades na defesa de padrões de autonomia, qualidade de vida, desenvolvimento humano e equidade* (SPOSATI, 1996, p. 8).

A construção social do espaço urbano é dada numa complexidade plural em que novos códigos e novos sentidos esbarram com uma metrópole na qual a inclusão da diversidade apresenta-se como algo a ser construído de forma processual, que expandirá sempre mais os novos *“panoramas sensitivos da metrópole”*. Percorrer os recursos da cidade lançou-nos no conhecimento *“de uma metrópole sem mais confins nítidos, porém, e sempre mais, caracterizada pelo consumo, pela comunicação – pelas formas plurais de cultura – que lhe modificam cada traço em profundidade”* (CANEVACCI, 1999, p. 15).

As condições de vida são muito diversas entre os bairros e as regiões que formam o espaço urbano. O espaço revela a ação humana e a existência social; constrói-se na relação entre os homens e é nele que se *“condiciona a própria formação de uma coletividade”* (NUNES, 1999, p. 20).

Ao revisitarmos a cidade, através do levantamento das propostas que podem ser alocadas na interface da Arte e da Promoção da Saúde, identificamos locais e projetos que proporcionam o conhecimento, o fazer, a apreciação artística e atividades culturais para as populações em vulnerabilidade e risco social. Esse levantamento delimitou e proporcionou um contato direto com o campo de investigação, constitui-se como projeção dos espaços artísticos para além do campo da saúde, indicando recursos para inclusão e participação dessas populações. Desvelar as regiões, descobrir recursos e potencialidades, estabelecer pontos de contato, construir alianças, articular alternativas de inserção das pessoas e produzir conjuntamente respostas às demandas que surgem, são ações que caracterizam o papel do terapeuta ocupacional, que passa, ao mesmo tempo, construir no território,

momentos de garantia, rede de relações, de possibilidades, de sustentação e de cuidado, (...) ampliar as oportunidades, abrir espaços, (...) enfim, acompanhá-los em um intenso processo de propiciar a entrada nas redes sociais, mediar relações, estimular outras formas de leitura do sofrimento, de contato com o sofrimento (NICÁCIO, 1994, p. 118).

Nesse sentido, os espaços de expressão e aprendizado das linguagens artísticas, os lugares de lazer e de participação cultural, engendram aberturas em cotidianos mecanizados e desprovidos de acesso a conhecimentos e expressão em diversas linguagens. Os dados e análises que se seguem referem-se à uma realidade primeiramente intuída, ao reconhecimento do espaço urbano como coletivo, como passível de transformações, modelagens e apropriação social. Nesse espaço, sujeitos circulam, se relacionam, desenvolvem afetividades, geram expectativas e sonhos.

PRÁTICAS ARTÍSTICAS

O levantamento e as questões

O levantamento ocorreu ao longo de três anos (1999-2001), teve como objetivo mapear ofertas de atividades artísticas para a população atendida e as identificou na área cultural e na área da saúde. Estas informações possibilitaram a construção de um mapa da abrangência dessas propostas, facilitando a organização e o acesso aos dados e aos recursos disponíveis no território. Pode-se ter uma visualidade da frequência e extensão desta oferta e suas diferentes configurações nas áreas pesquisadas. Auxiliou na organização de dados que caracterizaram cada local ou projeto, identificando critérios de acessibilidade, como: transporte, período de funcionamento, população alvo, aspectos ambientais, atividades artísticas oferecidas, metodologias empregadas, instrutores e, outras atividades desenvolvidas. O levantamento não indica as tendências ou alterações estruturais em relação ao que existe. O procedimento utilizado consiste na construção de um painel ou mapa, e permite a atualização dos dados sempre que necessário (GIL, 1991, p. 78).

Desta forma mapeamos organizações e instituições públicas, privadas, organizações não-governamentais (ONGs), projetos especiais e profissionais que estivessem desenvolvendo propostas de ensino, ateliês ou oficinas de atividades artísticas recebendo esta população. O universo mapeado inventariou 193 propostas: 97 itens coletados no setor cultural e 96 na área da saúde. Por setor cultural entendemos espaços, institutos, oficinas ou centros culturais, o Serviço Social da Indústria (SESI), o Serviço Social do Comércio (SESC), escolas, ateliês e oficinas de arte, espaços de convivência, associações artísticas, ONGs, projetos especiais e museus. Na área da saúde, consideramos centros de reabilitação, hospitais-dia, centros de convivência (CECCOs), centros de atenção psicossocial (CAPS), oficinas, projetos especiais, cursos profissionalizantes e cooperativas de trabalho. Os percentuais muito próximos relativos aos dois setores – área da Saúde e área Cultural –

indicam que as propostas com atividades artísticas ocorrem em ambas às áreas, apresentando o caráter interdisciplinar do estudo em questão.

Os dados colhidos e analisados no período da pesquisa representam apenas parte de um universo constituído, pois ao prosseguirmos nessa investigação, mapeamos um número muito maior de propostas. Novas informações continuaram a surgir, desencadeadas pelo trabalho realizado, e, por uma forma de pensar o território, as atividades e o trabalho com estas populações, que embora não tenham sido analisadas, não foram descartadas e constam da constante alimentação de nosso banco de dados. Desta forma, o levantamento também instaurou “um modo de pensar” processos de inclusão sociocultural, criando um fluxo de informações para a constituição de redes de inclusão – configuração necessária a este território de fronteira, de interface entre os campos da arte e de promoção da saúde, cuja participação tem aberto portas para novas relações, experiências, formando cooperações e potencializando processos de transformação social.

Num primeiro momento do levantamento das propostas, surgiram situações bastante desiguais de iniciativas e propostas nas diferentes regiões da cidade. Isto demonstra que inicialmente, os dados foram representados conforme surgiam às informações; depois, realizamos um levantamento mais diretivo em determinadas regiões permitindo assim um tratamento mais igualitário entre elas. Através de um maior investimento em determinadas regiões, driblamos pelo menos a título de circulação das informações, as estruturas de exclusão social constituídas no cenário da cidade. Com esta ação de pesquisa, dos 193 itens mapeados no levantamento final, pudemos construir um banco de dados com informações quantitativas aproximadamente semelhantes para todas as regiões da cidade. Desta forma, os dados ofereceram a seguinte configuração: Região Norte: 19,26%; Região Sul, 23%; Região Leste: 19,26%, Região Oeste, 19,26%; Centro, 19,26%. No decorrer do levantamento, buscamos tornar possível a construção de uma rede de informações que privilegiasse a possibilidade de inclusão daqueles que enfrentam uma exclusão no padrão básico de vida na cidade.

Desenho, pintura, escultura, dança, expressão corporal, teatro, música, fotografia, produção de imagens, entre outras atividades artísticas foram encontradas e entendidas como oportunidades de construção de projetos de vida, que operam como estruturas de suporte social, de inovações práticas e de transformação cultural. Na vivência de atividades artísticas cria-se a oportunidade de pessoas usarem o seu potencial criativo, artístico e intelectual, tanto para o crescimento

individual quanto para o enriquecimento das comunidades situadas em seu entorno ambiental.

O número de propostas mapeadas motivou trabalharmos com amostragem para a aplicação dos questionários, pois o levantamento abrangeu grande número de locais/projetos, que não teria sido possível – nem era nosso objetivo – considerá-lo na totalidade. Para alcançarmos resultados significativos, questionários foram aplicados a “*uma amostra de 28% do universo mapeado, determinando a amplitude de uma amostra finita, com coeficiente de confiança de 95,5%*” (GIL, 1993, p. 101). Assim, aplicamos 55 questionários, que nos permitiram um conhecimento direto da realidade, identificando o que existe e o que poderia se constituir em informação para a população atendida. Para Gil (1993, p. 97), “*os resultados obtidos na amostragem do levantamento tendem a aproximar-se bastante daqueles que seriam obtidos caso fosse possível pesquisar todos os elementos do universo*”.

Os questionários foram aplicados em todas as regiões da cidade de São Paulo e, nossa amostragem configurou-se com base na natureza institucional das propostas: instituições públicas, particulares, ONGs, projetos e profissionais; sua aplicação obedeceu aos seguintes critérios: em primeiro lugar, as instituições públicas, pois grande parte da população atendida em Terapia Ocupacional – assim como grande parte da população da cidade, vive nos limiares da pobreza, enfrenta a carência de recursos, o que dificulta seu acesso aos projetos culturais; um segundo aspecto refere-se às instituições ou projetos que apresentem um interesse especial nas populações em vulnerabilidade e risco social, o que consideramos propostas de ‘ponta’, inovadoras, inclusivas; um terceiro aspecto relaciona-se à localização geográfica, para não concentrarmos informações em determinadas regiões.

Embora o levantamento tenha privilegiado instituições públicas, verificamos que outras formas de organização (como as ONGs, os projetos auto-gerenciados e profissionais autônomos) têm forte presença nesse campo. Constatamos que a presença significativa de instituições particulares (24,75%) não implica a limitação de acesso de população de baixa renda aos trabalhos, pois muitos locais oferecem a possibilidade de pagamento conforme a renda e alguns buscam parcerias, financiamentos e incentivos para subsistir. Atualmente, assistimos ao crescimento da necessidade de parcerias entre os vários setores sociais, atuando para

transformar um modo de viver que produz e reproduz a concentração de riqueza, cultura e poder, portanto de exclusão. (...) O entendimento ampliado da exclusão social implica no entendimento também ampliado na inclusão. Incorporar os

excluídos a um padrão básico de vida não pode significar simplesmente capacitá-los a sobreviverem e aliviarem o sofrimento brutal a que são submetidos. Não se trata de distribuir compensações, mas de promover reparações (SPOSATI, 1996, p. 9, 12).

Neste levantamento trabalhamos com questões fechadas, estruturadas, que possibilitassem uma única interpretação, abordando uma idéia de cada vez e com número limitado de perguntas relacionadas ao problema exposto. Os questionários apresentaram dados em relação à instituição, projeto ou profissional (nome, endereço, telefone, outras formas de contato); natureza da instituição; tipo de acesso ao projeto (transporte, custos); período e horário de funcionamento das propostas; público-alvo (faixa etária, população atendida, população com deficiência, pessoas com transtornos mentais, população em risco social); atividades oferecidas; formação dos coordenadores e instrutores; e sugestões de outros projetos para participarem do banco de dados. A aplicação dos questionários foi realizada no contato direto com os entrevistados tomando cuidados como o envio prévio dos questionários, o envio de cartas explicativas sobre a pesquisa e conversas esclarecedoras, quando solicitado.

Dos 55 locais entrevistados, as configurações encontradas identificam possibilidades para a construção do processo de participação e inclusão social a partir do viés das atividades artísticas e culturais no território da cidade. Neste processo de análise compreendemos que a:

exclusão é um processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É processo sutil e dialético, pois só vive em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, é processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros. Não tem uma única forma e não é uma falha do sistema, devendo ser combatida como algo que perturba a ordem social, ao contrário, ele é produto do funcionamento do sistema (SAWAIA, 2002, p. 9).

DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A discussão e a análise dos dados permitem a visualização de certas dinâmicas intrínsecas aos projetos situados na interface entre Arte e a Promoção da Saúde. Nossa referência para a construção da discussão dos dados e sua análise foi o Mapa da Exclusão/Inclusão Social da Cidade de São Paulo, coordenado por Sposati (1996), que apresenta

quatro grandes campos nucleadores – autonomia, qualidade de vida, desenvolvimento humano e equidade – definidos de forma ampla e respeitando os direitos humanos fundamentais. Trabalhamos, associados a estes núcleos norteadores, também com autores que contribuem na contemporaneidade para pensarmos interdisciplinarmente nossos tópicos de análise. Assim, autores do campo da saúde, das artes, da arte-educação e da filosofia, serão referências para esta etapa. Três categorias de análise emergiram e foram organizadas a partir dos dados colhidos: a acessibilidade, a composição do campo das artes apresentado pelas atividades artísticas, culturais e de lazer e o caráter interdisciplinar das propostas.

Acessibilidade

A equiparação de oportunidades na participação em atividades artísticas e culturais relaciona-se a tornar acessível o ambiente físico e adotar medidas que ofereçam acessos a informações e comunicação (ONU 1996, p. 26). Os critérios de acessibilidade foram dados por informações sobre as formas de acesso aos locais por meio de transportes públicos; o período de funcionamento das propostas; a acessibilidade financeira; o público-alvo; a adaptação dos locais e a faixa etária para a participação nos projetos.

Quanto ao acesso por transportes públicos, consideramos como sendo de fácil acesso os locais servidos por linhas de metrô e ônibus; os de médio acesso são aqueles aos quais só se é possível chegar de ônibus, mas que são servidos por mais de uma linha; os locais de difícil acesso são aqueles com ônibus em apenas um ou dois pontos terminais na cidade; finalmente, os projetos itinerantes referem-se aos programas que circulam por diferentes locais. A maioria dos locais mapeados situa-se em pontos de fácil acesso, o que representa a viabilidade de participação e o acesso a uma faixa da população – aquela que pode custear os meios de transporte públicos – às produções culturais. Grande parte da população paulistana tem acesso precário aos transportes públicos, devido à segregação espacial da pobreza, o que pode significar um completo impedimento ao acesso a meios de comunicação e cultura. O transporte público é um dos fatores que dificultam o agenciamento de necessidades, interesses e idéias que poderiam ser desenvolvidas, inclusive no âmbito cultural; confirma a ausência de suporte básico para a população da cidade e, particularmente, para os portadores de necessidades especiais (SPOSATI, 1996, p. 72-3).

Quanto ao período de funcionamento, consideramos as categorias: diurna (manhã ou tarde); integral (manhã e

tarde); noturna e fins de semana. A acessibilidade refere-se também aos períodos de funcionamento. Setenta e dois vírgula cinco por cento das propostas são diurnas; 24,5% são integrais; apenas 2% são oferecidas à noite e 1% nos fins de semana. Isso mostra que a participação também se reduz pois grande parte da população freqüenta estas propostas com o auxílio de familiares que os acompanham aos locais, em geral estes acompanhantes trabalham e não dispõe de horários no decorrer da semana, situação incompatível com a oferta de serviços (SPOSATI, 1996, p. 72-3).

Quanto à acessibilidade financeira, consideramos os índices que pareceram acessíveis, como nas categorias: gratuito, conforme a renda e conveniados, teremos aproximadamente 70% de propostas que podemos chamar de facilitadoras do acesso, mas isso ainda não garante a presença e participação da população. Devemos considerar que lidamos com diversas faixas socioeconômicas e que a população com necessidades especiais apresenta uma demanda de projetos que confrontam a condição social e o abandono muitas vezes enfrentado por suas famílias ou pelos próprios sujeitos, criando outra rede de referência que, leve em conta as adaptações técnicas e ambientais necessárias para viabilizar condições para que essa população possa partilhar dos meios de comunicação e cultura. Na cidade de São Paulo, a situação de exclusão de parte da população é expressa pela ausência de condições de participar da consciência social e pelo não acesso aos meios de comunicação e cultura, por uma linguagem da comunicação incompatível com o acesso popular, pela ausência de visibilidade pública da situação de exclusão vivida, pela ausência de representação política de interesses e necessidades e pela ausência de garantias às necessidades especiais sem cobertura a situações de vulnerabilidade e riscos expressos na ausência de suporte para os portadores de necessidades especiais (SPOSATI, 1996, p. 58).

Hoje, os projetos que se situam na interface da Arte e da Promoção da Saúde enfrentam, em sua implantação e em seu desenvolvimento, esse quadro social e precisam estar atentos para que não se constele uma incompatibilidade entre a oferta de serviços e as condições de vida efetiva da população, entendendo que o profissional que atua nessa área trabalha também no combate a exclusão e participa da construção das condições reais para a participação dos sujeitos por meio da implementação de redes de apoio, de suporte e de sustentação.

Deficiências físicas, mentais, sensoriais e deficiências associadas, pessoas com transtornos mentais, pessoas com alterações orgânicas consideradas entre a população hospitalizada, a população com doenças terminais ou

crônicas; crianças, adolescentes, adultos e idosos em situação de vulnerabilidade e risco social caracterizam o público-alvo atendido por profissionais que desenvolvem propostas de trabalho com atividades artísticas em lugares especializados para seus tratamentos ou em espaços de cultura no território que tenham abertura para recebê-los.

Os dados surpreendem: apenas 15% das propostas consideram a participação de pessoas com transtornos mentais. Historicamente, no âmbito da Terapia Ocupacional, as atividades artísticas foram mais desenvolvidas no campo da Psiquiatria e da Saúde Mental e, com o processo de abertura e desinstitucionalização psiquiátrica, esperava-se encontrar um maior número de projetos voltados para essa população. Ficou evidente que esse grupo de pacientes está ainda muito atrelado às propostas que se constelam no interior do campo da saúde, o que talvez indique um despreparo social para acolher essa demanda; o que exige uma formação e, principalmente, uma transformação da visão empírica sobre a loucura, para ampliar a participação e o processo de inclusão social destas pessoas. Por outro lado, é muito interessante que 51% dos projetos atendam pessoas com deficiências, o que indica uma ampliação no conceito e nas práticas de reabilitação, pois essa área está historicamente referendada à reabilitação funcional e a participação em projetos artístico-culturais revela uma atenção ampliada ao desenvolvimento dessas pessoas, associada a uma preocupação com a participação e inclusão social, com a qualidade de vida e com o fortalecimento da expressão e comunicação em outras linguagens. As alterações orgânicas também são contempladas – 11% das propostas mapeadas –, com projetos especiais que se valem das artes no decorrer do tratamento em saúde ou quando egressos destes. 19% dos projetos são organizados e preparados especialmente à população em risco social, com o desafio de enfrentar, através da arte, a criação de uma nova sociabilidade, repensando e compartilhando as responsabilidades sociais e fortalecendo essas pessoas no enfrentamento das injustiças sociais e na construção da mobilidade social. Quatro por cento das propostas apresentam uma inovação: atendem as demandas e interesses da população, configurando grupos heterogêneos e instaurando, a partir das atividades artísticas, uma nova consciência fundamentada no respeito aos direitos humanos e no acesso às produções culturais independentemente de categorias diagnósticas e de outras configurações da exclusão.

Entretanto, a maioria dos projetos não desenvolveu ainda uma adaptação dos espaços onde ocorrem para receber pessoas com deficiência e outras com necessidades

especiais. As barreiras arquitetônicas são impedimentos à inclusão social da população deficiente, fator que restringe sua frequência a instituições especializadas, formando uma comunidade “*potencialmente carente e ávida de poder participar de espaços que ofereçam condições de acessibilidade física, bem como de programas dirigidos às suas necessidades*” (TOJAL, 1999, p. 62).

Encontramos uma maior disponibilidade de projetos para crianças e adolescentes, o que talvez denote maior preocupação com a estruturação e oferta de vivências e educação artística para as novas gerações. Jovens, adultos e idosos recebem atenção em projetos criados especialmente para suas faixas etárias, indicando uma atenção com a diversidade da experiência artística e cultural das diferentes gerações. Contudo, existem ofertas em que não há um recorte etário na participação, apresentando a arte como um projeto necessário à emancipação de todos, de articulação com o mundo e demonstrando uma compreensão da necessidade generalizada da formação nesse campo.

A composição do campo das artes

O reconhecimento do campo das artes deu-se através das múltiplas formas de aproximação do universo artístico. Este campo delinea-se por uma configuração ampla – prática e teórica – tocadas no decorrer do levantamento e do questionário de pesquisa: história da arte, ateliês, cursos, oficinas, workshops, formações profissionalizantes, exposições, espetáculos artísticos são expressões da multiplicidade cultural deste fazer humano. As propostas contemporâneas que se referem ao ensino da arte preocupam-se com a “alfabetização” artística da população atendida, trabalho que por um lado, nos remete à preocupação com a construção dos direitos e da cidadania da população e, por outro, com a busca de uma formação artística consistente que considere, além da expressão pessoal, a necessidade de se conhecer arte, formar-se nessa linguagem e ter conhecimentos históricos sobre ela. Para Barbosa (1998), na contemporaneidade, o fazer artístico deve aproximar o indivíduo dos processos de desenvolvimento de sua capacidade criadora e ser acompanhado por uma leitura e um entendimento desse fazer, pela compreensão de sua inserção no tempo através da contextualização histórica e pela apreciação da produção artística. A visão contemporânea do ensino da arte decorre da construção, elaboração e cognição e procura acrescentar à dimensão do fazer e da experimentação, o acesso e o entendimento deste patrimônio cultural da humanidade (BARBOSA, 1998).

Para a autora, no campo das artes há a necessidade de uma educação democrática, que fortaleça a diversidade cultural e aborde perspectivas multiculturais. “*Preocupação com o pluralismo cultural, a multiculturalidade, o interculturalismo, nos leva necessariamente a considerar e respeitar as diferenças, evitando uma pasteurização homogeneizante*” (BARBOSA, 2003, p. 1).

É preciso possibilitar a expressão aos sujeitos sem perder a perspectiva das diferenças culturais. A vivência e educação em arte podem ser concebidas como um processo expressivo, de conscientização das experiências individuais e de organização de imagens e de elementos não verbais junto a informações e acontecimentos que estão constantemente influenciando a vida e o cotidiano. Associadas a essa compreensão estão às relações entre a observação do mundo e a reflexão sobre sua condição como sujeito que expressa, conhece, organiza e reorganiza essa relação; há uma ênfase na elaboração, reelaboração, contextualização e apreciação, uma vez que “*produção e compreensão se complementam e se enriquecem mutuamente*” (PILLAR; VIEIRA, 1992, p. 10).

O campo das artes, ao acolher demandas das populações é atravessado por questões que nos levam a pensar como diferentes grupos culturais encontram um lugar para a arte em suas vidas, entendendo que todo grupo cultural têm necessidade da arte, mas que o próprio conceito de arte pode diferir de um grupo cultural para outro. É através da contextualização de produtos e valores estéticos que a atitude multiculturalista é desenvolvida. Para Barbosa (2003), para uma experiência cognoscente impulsionar a percepção da cultura do outro e relativizar as normas e valores da cultura de cada um, teríamos que considerar o fazer (ação), a leitura das obras de arte (apreciação) e as contextualizações histórica, cultural, social ou ecológica, enfim, abordar aspectos essenciais em todas as vertentes da educação contemporânea. A leitura, neste caso, consistiria numa interpretação para a qual colaboram uma gramática, uma sintaxe, um campo de sentido decodificável, a decodificação do mundo e a poética pessoal do decodificador (BARBOSA, 2003, p. 2).

Além do mais, ao promovermos um pensamento crítico e reflexivo sobre as formas de expressão e as linguagens artísticas precisamos saber como são produzidos e cuidados os trabalhos artísticos, como são compreendidos, como são organizados os ateliês que possibilitam esses fazeres, como estas obras circulam no circuito sociocultural e como são discutidas nos grupos dominantes na área da Arte? Quais as metodologias e procedimentos em arte que ocorrem neste campo e quais agem como emancipadoras dos sujeitos?

No encontro com a multiplicidade de formas constitutivas do campo das artes, a garantia do direito à criação e à informação, à liberdade de expressão da diferença, são linhas de forças estéticas que operam abrindo fendas num sistema cultural hegemônico e dominante. Os projetos que se constituem na interface da Arte e Promoção da Saúde enfrentam estas questões, debatem-se sobre elas, trabalham para formular condições potentes de produção artística. Nosso levantamento encontrou um amplo campo de ação onde novas formulações teórico-práticas atuam num compromisso coletivo de abertura de possibilidades de expressão e de linguagem para as populações em desvantagem, vulnerabilidade e risco social.

Atividades artísticas

As ofertas se alternam, são variadas e aparecem segundo especificidades de métodos e técnicas. Para dar uma visão das múltiplas proposições encontradas, organizamos as seguintes categorias para os dados colhidos: desenho e pintura, escultura, dança e expressão corporal, teatro, música, confecção de objetos, e trabalho com as imagens. As opções permitem experimentações e escolhas de acordo com a história pessoal e as características culturais do meio em que a pessoa se insere, proporcionam o contato com diferentes materiais e técnicas, com qualidades expressivas e comunicacionais específicas de cada atividade artística. É um conhecimento que se constrói processualmente, cuja escolha baseia-se na curiosidade e gosto das pessoas, e ocorrerá a partir de uma investigação da história, das fantasias e desejos de produção de cada um, das possibilidades e necessidades, privilegiando experiências criativas, expressivas e comunicacionais. O conhecimento prévio de materiais e técnicas também é uma via de entrada nesse campo.

Os dados sugerem que, quanto mais acessíveis forem os recursos materiais e técnicos, maior será a oferta. Assim, através de uma organização decrescente dos dados computados, podemos entender porque desenho e pintura (26,4% das propostas) e confecções de objetos artísticos (21,3%), pelas suas inúmeras possibilidades técnicas e plásticas, são proposições mais frequentes, ocupam um grande espaço com múltiplas propostas. A música também aparece como uma atividade bastante cultivada (16,54%): participação em corais, trabalho vocal, aprendizagem de instrumentos, desenvolvimento de gêneros variados, composição e improvisação, caracterizam a oferta encontrada. Em seguida, estão os trabalhos de dança e

expressão corporal (14,08%) que variam segundo diferentes métodos e técnicas. As esculturas (11,61%) são apresentadas de acordo com o material trabalhado – barro, argila, pedra, madeira e ferro, entre outros, caracterizam sua aprendizagem. O teatro (8,09%) oferece jogos dramáticos, improvisações, criação de personagens, trabalho com textos, encenações e cenografia, como algumas de suas possibilidades. Por fim estão as propostas com as imagens (1,75%): a fotografia, o vídeo, as filmagens, as artes com computador, acompanham o desenvolvimento tecnológico, e por sua complexidade instrumental, técnica e material, caracterizam uma menor oferta de propostas com essas linguagens.

As atividades artísticas são muito utilizadas no campo sondado, e atuam como dispositivos que tensionam processos de exclusão/inclusão social. Amplas são as possibilidades desse recurso para o desenvolvimento humano, e inúmeras as vantagens de se conviver com a Arte. Ela contribui para a inclusão da diferença; sua própria essência busca a ampliação da comunicação, rompe limites e proporciona possibilidades de transformações incessantes onde experiências se constroem, desdobram-se e se dissolvem em outras. A participação das populações em desvantagem, vulnerabilidade e risco social nestas propostas fazem germinar sementes expressivas, renovar linguagens e afirmar as vidas que se desenrolam sob a marca da exclusão. Esta aproximação pede adequar metodologias e abrir discussões sobre acolhimento, acessibilidade, sustentação, tolerância e diferenças, e desta forma fortalecer a experiência de pertencimento cultural, o que se traduz em conciliar ritmos, articular demandas, escutar necessidades, favorecer o desenvolvimento dos sujeitos e a construção de uma vida melhor.

Atividades culturais e de lazer

Os dados apresentam apenas uma configuração das propostas num determinado momento; são dados que se alteram constantemente, de acordo com as produções culturais da cidade. A cada período do ano, renovam-se as possibilidades de apresentações culturais e de lazer, multiplicando a participação da população nestas atividades. São elas: shows, espetáculos, apresentações, concertos (37% das propostas), visitas monitoradas (45%), e outras proposições – aqui exemplificadas por passeios a centros históricos ou culturais, caminhadas monitoradas a locais de preservação cultural, ateliês de artistas abertos ao público, feiras de bairros, entre outras possibilidades de participação cultural (18%) Essas atividades ampliam as experiências

de vida dos sujeitos e favorecem uma conexão com as produções culturais atuais e de determinadas épocas, se constituem como possibilidades de encontro e circulação social: “*a cultura não deve ser apenas um resíduo da atividade humana, mas seu principal elo com o mundo*” (ROTELLI; 1997, p. 47).

Sublinhe-se há, na cidade, uma série de atividades culturais gratuitas, o que favorece a participação, embora isto não baste para viabilizá-la. Os profissionais que acompanham as pessoas estão atentos aos conteúdos das produções, auxiliam nas informações para que as escolhas sejam potencializadas e enriqueçam a experiência e, ainda, cuidam das condições de transporte, de adequação do local e da presença de pessoas preparadas para acolher essa população, quando necessário; são condições de participação e apreciação das manifestações culturais, ativando a democratização cultural.

Para Santos (1999), o viver contemporâneo no cenário urbano exige uma atenção a aspectos fundamentais para o pulsar da vida, do vivo e da organização coletiva. Para isto, devemos considerar as formas de comunicação, que são limitadas ou facilitadas pela maneira como participamos da sociabilidade e como nos tornamos mais ou menos cidadãos. Desta forma a construção efetiva de um projeto de cidadania, com ações desenvolvidas em diversos níveis para a realização de uma vida digna precisa ser redimensionada, para que sejam realizadas costuras necessárias e diferenciadas no processo de participação social dos sujeitos (SANTOS, 1999).

A participação em atividades culturais e de lazer proporciona uma ampliação da informação e do conhecimento, estabelece ressonâncias com o pulsar da vida cultural da cidade e aciona novas possibilidades de produção das subjetividades, redefinindo a partir destes aspectos, outros lugares no mundo. Incluir na vida dos sujeitos a participação em atividades culturais e de lazer torna-se uma possibilidade de emancipação e transformação cultural de todos os sujeitos envolvidos neste processo.

Interdisciplinaridade e profissionais envolvidos

Vários são os profissionais desenvolvendo atividades artísticas, culturais e de lazer com a população em desvantagem e risco social. Para sua descrição, agrupamos os dados a partir de três grandes áreas que atuam efetivamente nessa interface: Educação, Artes e Saúde. Outros dados foram registrados numa categoria que engloba diversas áreas. Mapeamos ainda um significativo

grupo de apoio técnico, informação bastante freqüente nas propostas. Assim, temos: profissionais da área da educação (25%): educadores, professores do nível médio, arte-educadores, pedagogos, professores de educação física, psicopedagogos, professores de letras e professores de história; profissionais da área das artes (25%): dançarinos, músicos, artistas plásticos, ceramistas, arquitetos, fotógrafos, diretores teatrais, atores, escritores, comunicadores e *videomakers*; profissionais da área da saúde (27,29%): assistentes sociais, psicólogos, terapeutas ocupacionais, psiquiatras, enfermeiras, fonoaudiólogos, arte-terapeutas e fisioterapeutas; profissionais de outras áreas (6,81%): sociólogos, filósofos, antropólogos e físicos; grupo de apoio técnico (15,90%): instrutores de nível médio, monitores, voluntários, recreadores, auxiliares, oficineiros, artesãos e mestres de capoeira.

Encontramos as formações mais diversas, assim como os enfoques, os métodos e as técnicas desenvolvidas. Esta atuação indica que profissionais de diversas áreas de conhecimento estão participando da construção de uma nova sociabilidade e na ampliação das formas de relacionamento para a promoção da saúde e para a participação social, ação necessária para a renovação do coletivo e para as transformações socioculturais relacionadas a esses processos. Neste sentido as propostas interdisciplinares ganham força no enfrentamento de questões complexas que são engendradas no cotidiano destas práticas, onde

agires e fazeres que rejeitariam tudo aquilo que a disjunção cartesiana fez no plano físico, metafísico e metapolítico. Qualquer sistema vivo passaria, então, a ser entendido como um sistema incompleto, indeterminado, irreversível, sempre marcado pela auto-organização que combina, descombina e recombina a ordem, a desordem, a reorganização (CARVALHO, 1998, p. 12).

Nesse campo, trabalhar com questões de inclusão social é repropor a participação dos sujeitos, resgatando experiências de arte, cultura e lazer que enriqueçam a existência. A força da composição interdisciplinar tem ressonâncias à proposição de Morin (1992); para o autor, ela redefine laços sociais, permite um retorno ao sujeito, possibilita uma revalorização da ética e um redimensionamento do imaginário, criando novas bases para entender o homem em sua universalidade e diversidade.

CONSIDERAÇÃO FINAIS

Constatamos que as propostas construídas original-

mente numa perspectiva de desenvolvimento da expressão e do fazer artístico, da atualização e participação da população em desvantagem, vulnerabilidade e risco social são aquelas mais preparadas para esse acolhimento criando condições reais para as pessoas participarem com maior efetividade do mundo da arte e da cultura. Entre os fatores que favorecem ‘uma certa inclusão social ou a inclusão social possível num determinado período de tempo’, temos: a adaptação e o cuidado com a ambientação e com os espaços; a organização de uma rede de apoio e suporte viabilizando o acesso e a participação; a preocupação com a convivência e com a inclusão da diferença, que, ao mesmo tempo, possa ser reconhecida e respeitada; o desenvolvimento de metodologias flexíveis e de novos métodos educacionais ou de experimentação e criação artística que respeitem a individualidade tanto em sua vontade e escolha como em sua potencialidade e ritmo.

A criação de outros dispositivos como: exposições abertas ao público, comercialização dos trabalhos, participação em eventos, festas e outros acontecimentos no território da cidade, colocam em movimento novas possibilidades de visualização desta produção – que podem ser compreendidos como a construção de uma cultura inclusiva que agencia uma apropriação da participação social, constituindo lugares de projeção de experiências e deslocamentos que enunciam fazeres futuros. Os dados mostraram que são as instituições públicas que apresentam um maior número de propostas, específicas para estas populações, embora na prática identificamos que essas ofertas ainda sejam escassas e insuficientes. Isto representa a importância do desenvolvimento de políticas públicas que fortaleçam iniciativas de intervenção social que proponham soluções criativas e participativas para a melhoria das condições culturais e de vida da população pesquisada.

Encurtar o distanciamento e enfrentar a desinformação sobre as possibilidades e necessidades dessas populações são formas de engendrar novos processos de inclusão, agindo através de um trabalho com a comunidade na explicação, na orientação e no acompanhamento de pessoas e grupos, no sentido de preparar a sociedade para essa participação. Isto auxiliaria no enfrentamento de problemas frequentes, como a solidão e o isolamento, agravados pela falta de espaços sociais que ofereçam oportunidades para as pessoas partilharem interesses comuns. Há uma necessidade de atualização da sociedade em relação às proposições mais recentes nesse campo. Uma transformação se efetivará à medida que profissionais forem atuando cada vez mais no território da cidade, trabalhando para a construção de uma nova sociabilidade e de efetivação da cidadania.

Os projetos identificados não substituem tratamentos clínicos, mas fato é que podem catalisar processos clínicos, favorecendo mudanças e transformações no tratamento e na saúde, pela criação de novos sentidos na retomada do fluxo da vida de cada pessoa, reafirmando e revitalizando as relações sociais dos sujeitos envolvidos. Nesse contexto, é preciso marcar, ainda, a possibilidade desses projetos apresentarem-se como lugar de encaminhamento de pessoas que concluíram tratamentos de reabilitação e que precisam ser mantidas em atividade. A complexidade de ações para oferecer uma atenção intensiva aos pacientes, sem excluí-los do convívio familiar e social, estende-se às condições ambientais e institucionais, à estruturação de cotidianos potencialmente saudáveis de diversos grupos sociais, ultrapassam os territórios clínicos e favorecem a criação de espaços e trocas culturais.

Aqui nos deparamos com a função social da Arte, que, nesse contexto e na época atual, vivencia um trânsito, partindo de espaços convencionais, atuando em situações de vida e em situações sociais de grupos singulares. Ocorrem, então, uma troca e uma investigação artística, e a Arte torna-se o fio condutor de diálogos e encontros em que *“as linhas que separam e isolam podem, porém ser usadas para ligar e conectar”* (JORNAL DEVIR, 1997, p. 1)

O material colhido e analisado foi disponibilizado a Rede Saci e está disponível no Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte e Corpo em Terapia Ocupacional do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Nessa direção, o levantamento realizado é ‘um aglutinador invisível, imensurável e intangível’ que auxilia no processo de dar força e estimular a participação de sujeitos no universo artístico e na vida cultural, compartilhando valores que criam um movimento, uma vivacidade. É essa a sua função. A cooperação entre trabalhos semelhantes vitaliza a participação de muitos atores desse processo – profissionais e usuários – para uma outra vinculação, expandindo a matriz de conexões de cada um e reconhecendo a interdependência fundamental de todos os fenômenos. Esta experiência abre-nos para a pesquisa de recursos das pessoas e do coletivo para

afirmar um modo próprio de ocupar o espaço doméstico, de cadenciar o tempo comunitário, de mobilizar a memória coletiva, de transitar pela esfera do invisível, de reinventar a corporeidade, de gerir a vizinhança e a solidariedade, de cuidar da infância ou da velhice, de lidar com o prazer e a dor (PÉLBART, 2002, p. 12).

CASTRO, E. D. de; SILVA, D. de M. Acts and facts of culture: territories of practices, interdisciplinarity and actions in the art / health-promotion interface. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.18, n. 3, p. 102-112, set./dez. 2007.

ABSTRACT: At the beginning of the 90's artistic and cultural activities became potent devices for social/cultural inclusion and participation of vulnerable populations and those at social risk. The activities with expression, creation and artistic and cultural production stimulate social inclusion/exclusion processes, articulate networking and trigger openings in the expressive and communicational net, thus allowing understanding experiences' singularity, defining ways of growth, differentiation, empowerment and collective participation. By researching and assessing the territory of said practices we can identify the configuration of an interdisciplinary field where artistic, educational, social, cultural and clinical actions are gathered and creates strategies of participation and communication in experiences we call actions in the Art / Health Promotion interface. Those are practices that may shorten the distance between subjects' singularities and their lack of information on their needs; they help to face frequent problems such as loneliness and isolation aggravated by lack of social spaces able to offer actual opportunities for people to share common interests. Contemporarily a new scenario is forming in the city's territory where new socializing opportunities are built and citizenship actions take place. The assessment conducted aims at gathering subjects round the artistic universe and cultural life; it revitalizes the participation of many actors in that process by expanding each one's possibilities of making connections and by acknowledging phenomena's fundamental interdependency.

KEY WORDS: Occupational therapy/tendencies. Social inclusion. Territorial practices. Artistic activities. Cultural action.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A. M. *Arte: perspectivas multiculturais*. Disponível em: www.tvebrasil.com.br/salto/cronograma2003/mee/meeimp.htm.
- BARBOSA, A. M. *Roda viva* [videocassete]. São Paulo: TV Cultura – Fundação Padre Anchieta, 1998.
- CARVALHO et al. *Ética, solidariedade e complexidade*. São Paulo: Palas Athena, 1998.
- CARVALHO et al. A declaração de Veneza e o desafio transdisciplinar. *Revista Margem*, v. 1, p. 91-103, mar. 1992.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1991.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1993.
- GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed 34, 1992.
- JORNAL DEVIR. Publicação bimestral da rede de ONGS de Saúde Mental, São Paulo, v. 1, n. 1, 1997.
- KINKER, F. S. Trabalho como produção de vida. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 8, n.1, 1997.
- LANCMAN, S. *Loucura e espaço urbano*. Franco da Rocha e o asylo de Juqueri. São Paulo: Te Corá, 1999.
- NICÁCIO, M. F. *O processo de transformação da saúde mental em Santos: desconstrução de saberes, instituições e cultura*. São Paulo; 1994. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/SP.
- ONU – Organização das Nações Unidas. *Normas a equiparação de oportunidade para pessoas com deficiência*. São Paulo: APADE 7, CVI-NA, 1996.
- PÉLBART, P. P. *A exclusão contemporânea*. In: Seminário Sobre Exclusão. São Paulo, 2002. (mimeo).
- PILLAR, A.; VIEIRA, D. *O vídeo e a metodologia triangular no ensino da arte*. Porto Alegre: UFRS/Fundação FOCHPE, 1992.
- SANTOS, M. *Roda viva* [videocassete]. São Paulo: TV Cultura – Fundação Padre Anchieta, 1999.
- SAWAIA, B. *As artimanhas da exclusão*. Análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SPOSATI, A. (Coord.). *Mapa da exclusão/inclusão social da cidade de São Paulo*. São Paulo: Educ, 1996.
- TOJAL, A. *Museu de arte e público especial*. São Paulo; 1999. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP.
- VENTURINI, E. *A reabilitação e a vida na cidade*. In: CONFERÊNCIA proferida na Escola de Enfermagem da USP, outubro, 1999.